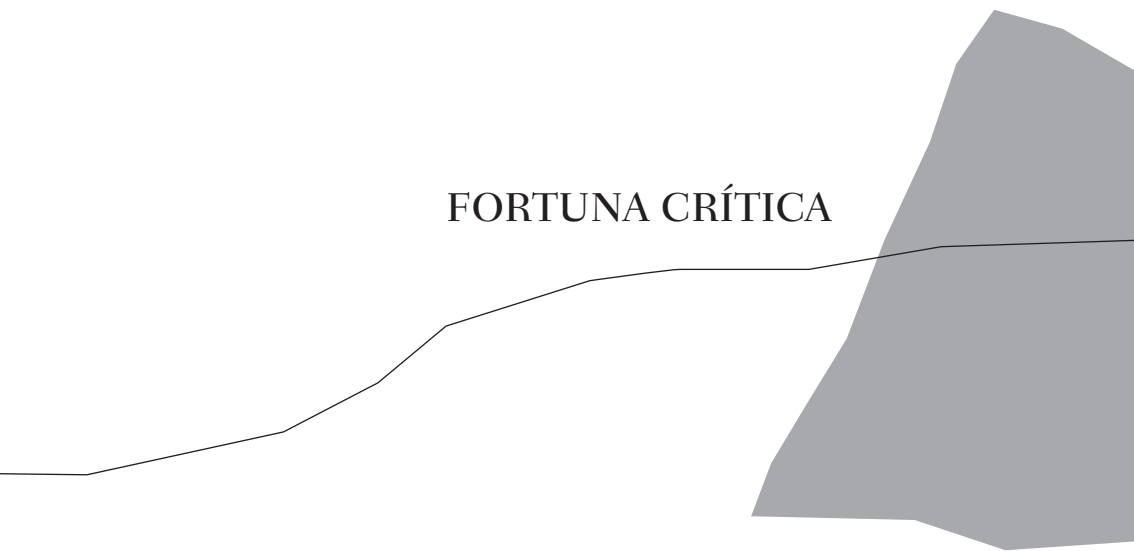


FORTUNA CRÍTICA



A POESIA MANSA, SUAVERE SILENCIOSA DE HENRIQUETA LISBOA¹

Affonso Romano de Sant'Anna

Conheci Henriqueta Lisboa. Discretamente. Suavemente, como ela nos permitia. E agora esse livro de Carmelo Virgillo me fez voltar a uns trinta anos atrás. E eu estou vendo Henriqueta Lisboa ora saindo de uma livraria, ora esperando pacatamente por um ônibus numa rua de Belo Horizonte, ora saindo das aulas de literatura que dava na universidade. Ela passava como uma brisa, como um anjo tímido, ela passava por nós com o rumor branco de sua poesia. Era uma parte da poesia modernista retida em Minas. Eu a olhava reverencialmente. A poesia era possível, delicadamente, sem atropelos das modas, liricamente.

Fui agora buscar na estante os livros de Henriqueta. Encontrei-os. Dentro da bela edição de suas poesias completas reencontro algumas amarelecidas onde eu havia anotado coisas para um artigo sobre ela, quando dela recebi autografado o volume *Lírica*. A José Olympio Editora, na década de 1950, estava editando as poesias completas de todos os grandes poetas modernistas. Eles estavam se tornando clássicos, e Henriqueta, sempre lembrada ao lado de Cecília Meireles, não podia faltar.

Olho esses papéis que suportaram mais de trinta anos de exílio, enquanto cá fora transcorria (feroz) a história dos homens e da

1 In: VIRGILLO, Carmelo. *Henriqueta Lisboa: bibliografia analítico-descritiva – 1925-1990*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

poesia. Recolho dali as anotações feitas ao sabor da leitura: poesia de silêncio, contemplação, religiosidade, versos longos, preces; instrumentos musicais, a música antes de tudo, como nos simbolistas; a infância, o aproveitamento do folclore, onomatopeias; a flor, a morte, a noite, o vento, o mistério, o rio, a persistência dos cabelos soltos, a temática de Ofélia.

Percebo que fui copiando vários de seus versos buscando neles a definição da autora:

Eu, que nasci para um destino manso
de cousas suaves, silenciosas, imprecisas...

... Amo em silêncio, como as monjas...
Da penumbra, como os que amam sem esperança...

... Eu sou a prisioneira da noite.
A noite envolveu-me nos seus liames, nos seus musgos...

Chamou-me sempre a atenção o fato de a poesia de Henriqueta não se deixar tumultuar pelas novas tendências e modismos poéticos. Sua poesia, a rigor, não se preocupava nem com a modernidade. O mundo tecnológico com seus objetos e expressões vernaculares não perfurava sua crosta poética. Passava pelo modernismo de raspão. Ela vinha de uma linhagem que, em Minas, passa por Alphonsus de Guimaraens, o simbolista, e por isso estava mais interessada no canto do que nas virtualidades do jogo vocabular.

Em nossa poesia, Henriqueta é dos que mais trataram da temática da morte. E sem aquela morbidez esperada. Dois versos, entre muitos, ficaram-me para sempre na memória:

A morte é limpa.
Cruel mas limpa.

Várias vezes eles voltaram à minha cabeça em situações em que a morte me parecia, ao contrário, suja, além de desnecessariamente cruel.

Há mais de trinta anos que carrego a poesia de Henriqueta

comigo, com a delicadeza de quem transporta um frágil segredo. E ao escrever este texto numa tarde cinzenta de inverno, aqui no Rio de Janeiro, reporto-me a Minas. A poesia resiste ao tempo e ao amarelecimento dos papéis e paixões. A poesia está onde sempre estive.

Essa bibliografia analítico-descritiva da poesia de Henriqueta Lisboa, ao mesmo tempo que mostra a diversidade de sua obra de poeta, tradutora, ensaísta e pedagoga, expõe também a riqueza de sua fortuna crítica, até então dispersa em centenas e centenas de estudos, que Carmelo Virgillo, em boa hora, resumiu e ordenou.

Esse livro passa a ser modelar para outros que deveriam ser feitos sobre nossos grandes autores. E graças a ele a imagem de Henriqueta cresce e ocupa o lugar que merece entre seus contemporâneos.